

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NO GÊNERO DO DISCURSO NOTÍCIA

Tatiana Jardim Gonçalves (UFF)
tatiana.goncalves@hotmail.com

1. Introdução

Os textos que circulam nas mídias impressa, televisiva e digital cumprem várias funções. Do ponto de vista sociocomunicativo, atendem a propósitos determinados, tais como informar, opinar, anunciar, denunciar etc. Cumpre, entretanto, salientar que tais propósitos são perpassados, atravessados por outros propósitos que não estão ligados à finalidade sociocomunicativa do gênero, mas à linguagem em uso, às intenções do produtor daquele gênero. Identificamos, no interior desses textos, marcas linguísticas que indicam posicionamentos, que trazem vozes que falam de certos lugares, com certas perspectivas. Devemos, pois, questionar se a função precípua do texto não é perpassada pela argumentação, por marcas linguísticas que direcionam os enunciados.

Nessa esteira, abordamos neste trabalho a questão da argumentação no gênero do discurso notícia. Selecionamos duas notícias na versão on line retiradas do portal *terranoticias*. A partir de uma perspectiva de língua enquanto atividade, como postula Benveniste (2005), analisamos as marcas linguísticas da argumentação presentes no gênero anteriormente mencionado e descrevemos os efeitos de sentido instituídos pelas mesmas. A descrição foi feita a partir do suporte teórico de Ducrot (1984, 1987), Koch (2003, 2009) e Cabral (2010), analisamos, portanto, os aspectos semântico-pragmáticos presentes no gênero.

2. Da língua ao discurso

O homem é inegavelmente um ser de e da língua. Através dela, nomeia, designa, faz referência, expressa seus sentimentos, enfim está no mundo. A língua é, indubitavelmente, o maior bem cultural e uma das maiores fontes de investigação do homem. As preocupações com a definição e com o uso dela existem desde as primeiras civilizações, desde que o homem começou a ter domínio de cultura e a tecer reflexões acerca do mundo que o cercava.

Sendo a língua um dos fatos humanos, era de se esperar que fosse

designada a ela um campo específico de estudos, ou seja, era necessário que a língua fosse tratada no âmbito estritamente linguístico. Cabe, portanto, mencionar Saussure. A partir da dicotomia *langue/parole* (língua/fala), o estudioso instituiu a Linguística enquanto ciência. A língua passou a ser objeto *concreto* de estudo, concebida como um sistema no qual a língua “é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.” (SAUSSURE, 2002, p. 22)

As incursões em torno da língua prosseguem, novas concepções se instauram e o homem é incluído na língua por Benveniste. A partir da noção de sistema desenvolvida por Saussure, Benveniste postula que sujeito e estrutura podem se articular, ou seja, *a linguística comporta a enunciação*¹¹³. Instaura-se, então, a Teoria da Enunciação na qual enunciação corresponde ao momento único e irrepetível em que um enunciado é produzido. Mesmo que a estrutura seja a mesma, o tempo, o lugar e o espaço não são mais os mesmos, portanto o produto, que é o enunciado, é outro. Neste ponto, temos a noção de discurso, que corresponde à língua em uso, *a língua assumida como exercício pelo indivíduo* Benveniste (2005).

3. *A linguagem em ação ou a pragmática linguística*

Adotar uma concepção de linguagem enquanto atividade praticada por sujeitos pressupõe considerar que tal atividade, tal ação provoca determinados efeitos. Esses efeitos provocados pela interação do homem com a linguagem e, por conseguinte, deste com o outro constituem os aspectos semântico-pragmáticos da linguagem.

Ao colocar a linguagem em funcionamento, o enunciador se instaura como eu, mas ao mesmo tempo instaura um tu, uma vez que é impossível conceber o homem sozinho utilizando a língua, ou seja, ao usarmos a língua sempre queremos atingir o outro. Assim, temos a pragmática que

visa à utilização da linguagem, sua apropriação por um enunciador que se dirige a um alocutário em um contexto determinado. Ela está preocupada com a linguagem enquanto ação, atividade humana e as relações de interlocução aí estabelecidas. (BRANDÃO, 2001, p.164)

¹¹³ Título dedicado a Benveniste cf. Flores 2008, p. 29

Sob tal perspectiva, a linguagem é ação, porque o próprio enunciado veicula as ações. Ou seja, não é o que fazemos quando usamos a linguagem, mas o que a própria linguagem faz quando é posta em ação. É possível pensarmos, então, em intenção. Na concepção de língua aqui adotada, a intenção não é interior ao indivíduo, a intenção é manifestada pelas marcas linguísticas, é uma intenção linguisticamente marcada que possibilita que determinado enunciado “atue” em dado contexto. Para Koch (2009, p.22), a intenção “se deixa representar de uma certa forma no enunciado, por meio do qual se estabelece entre os interlocutores um jogo de representações, que pode corresponder ou não a uma realidade psicológica ou social”.

Assim, o sentido de um enunciado está baseado na interação entre os participantes do processo enunciativo e entre estes e o momento da enunciação. Dessa forma, é possível prever direcionamentos, conclusões que tais enunciados assumem neste jogo.

4. A argumentação

Como mencionado na seção precedente, a linguagem enquanto atividade, produz efeitos, institui sentidos que determinam direcionamentos. Esses direcionamentos constituem a argumentação. Falar em argumentação, no entanto, é fazer remissão à Retórica. Na concepção aristotélica, a Retórica consistia em uma técnica de organização do discurso, isto é, uma técnica de argumentação e uma habilidade na escolha dos meios para executá-la. A Retórica era, pois, uma técnica empregada para persuadir o outro.

Esse pressuposto da Retórica é a base de todos os estudos atuais sobre argumentação. Mosca (2004, p. 41) afirma que é possível falar em reflorescimento da retórica, porque os estudos atuais lhe conferem uma revitalização ao considerar a interação, o confronto de ideias, de subjetividades presentes no eixo argumentativo.

A argumentação, portanto, não está restrito ao campo das ideias. A habilidade na escolha dos meios para executá-la não passa somente pelas ideias, passa também pelo uso que se faz da linguagem, pelas escolhas que fazemos neste âmbito. É pela linguagem que nos representamos enquanto seres sociais, através dela, veiculamos nossas ideias, interagimos, por isso (Koch, 2009, p.17) afirma que “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentati-

vidade.” Argumentar, nesta perspectiva, é um ato estritamente linguístico, as escolhas linguísticas que fazemos determinam o eixo argumentativo do enunciado.

No âmbito supracitado, está Ducrot (1976) com a Teoria da Argumentação na Língua. Para ele, a argumentação está inscrita na língua, o semantismo das palavras é responsável pela direção argumentativa do enunciado. A partir da noção estruturalista, o linguista propõe outra concepção de enunciação. Para o estudioso, a enunciação é um fato histórico, um acontecimento que constitui o aparecimento de um enunciado em determinado momento do tempo e do espaço. O enunciado é a descrição da enunciação, é produzido por um locutor, que se marca como primeira pessoa e dirige seu enunciado ao alocutário que é a segunda pessoa. Assim, o locutor argumenta em relação ao que está sendo dito.

Cumpra, finalmente, saber como tal operação ocorre, como a argumentação se manifesta na materialidade linguística. Segundo Koch (2009, p. 33), as marcas linguísticas da argumentação são:

1. As pressuposições
2. As marcas das intenções (explícitas ou veladas, que o texto veicula)
3. Os modalizadores (marcas que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz)
4. Os operadores argumentativos (responsáveis pelo encadeamento dos enunciados e determinantes da sua orientação argumentativa)
5. Índices de polifonia (fenômeno que caracteriza a coexistência, em um mesmo enunciado, de vozes que falam de perspectivas diferentes)

Falar em argumentação, portanto, é adotar uma concepção de linguagem constituída de intencionalidade, portanto, produtora de sentidos. Falar em argumentação, em uma abordagem estritamente linguística, é assumir que a argumentação é fator basilar de toda língua, não há, portanto, enunciado neutro, desprovido de certos direcionamentos.

5. Os gêneros do discurso

A comunicação verbal não se dá de forma isolada, isto é, não usamos palavras ou grupos de palavras de forma isolada, tampouco não as ajuntamos em uma sequência. Ao nos comunicarmos verbalmente, o fazemos por meio de formas típicas de enunciados, dotados de certa re-

gularidade linguística. Ao nos comunicarmos, o fazemos através de um gênero. Sobre isso Bakhtin (1997, p. 279) diz: “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”.

Um gênero é um texto oral ou escrito que circula na sociedade, com certas características estruturais e que visa a atingir determinados fins sociocomunicativos. Um gênero é produzido em dada esfera da comunicação humana, por determinado locutor para um interlocutor. Um gênero, portanto, quando produzido requer a participação do interlocutor, já que a comunicação humana, verbal é complexa. Assim

O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. A variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve. (BAKHTIN, 1997, p. 291)

É possível, então, conceber um gênero como um produto que desencadeia interação. Não há como um interlocutor não esboçar seu ponto de vista, suas reações perante um gênero que chega até ele. O gênero reflete a própria atividade humana na e pela linguagem. Por esse motivo, é impossível não encontrarmos em um gênero uma marca de subjetividade, uma marca que comprove a passagem do homem naquele texto.

5.1. O gênero do discurso notícia

A função precípua deste gênero, de acordo com os manuais e os estudos da esfera jornalística, é informar, relatar. Lustosa (1996) *apud* Nascimento (2005) afirma que a notícia é a técnica de relatar um fato, que a notícia é o relato, não o fato.

Ao concebermos, porém, a língua como atividade, ao compreendermos que o uso da língua é um processo interativo, em que o locutor deixa no seu texto as suas marcas, a sua subjetividade, e o interlocutor participa desse processo, refutando, reformulando, respondendo; concebemos os textos dentro de uma perspectiva dialógica. Assim, a notícia não é somente um texto informativo, é perpassada pela argumentação; argumentação de base linguística, presente em toda atividade verbal.

Sob este prisma, a notícia, enquanto gênero que *emerge de um*

*processo social*¹¹⁴, que corresponde a uma esfera da atividade humana, não pode ser pura e simplesmente um texto informativo, reflexo da verdade. A notícia é, nesse viés, um gênero que manifesta os posicionamentos do seu locutor e porque não dizer da esfera que a veicula, pois a estrutura composicional, as escolhas lexicais estão em consonância com as intenções de quem escreve que, por sua vez, está inserido em uma esfera social, corroborando com o discurso desta.

6. *Análise do corpus*

Nesta seção, identificamos e descrevemos as estratégias argumentativas encontradas no gênero do discurso notícia. O corpus do trabalho é composto por exemplares do gênero na versão *on line* retiradas do portal *terranoticias*. O objetivo é verificar quais são as marcas linguísticas da argumentação presentes nos textos e os efeitos de sentido provocados pelas mesmas. Verificamos, então, os aspectos semântico-pragmáticos da linguagem presentes no gênero.

Notícia 1 (15.08.2010)

Choque de Ordem prende mulher por urinar na rua

Equipes de fiscalização da Secretaria Especial da Ordem Pública (Seop) do Rio de Janeiro prenderam, na noite de sexta-feira, oito pessoas por urinarem na rua, na Lapa. Uma delas era uma mulher.

As prisões ocorreram durante operação Choque de Ordem, que é realizada todo fim de semana. Os fiscais ainda rebocaram 37 veículos e multaram 87 que estavam estacionados irregularmente pelas ruas do entorno da localidade.

Disponível em: http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0_OI4624070-EI5030.00-Rio+Choque+de+Ordem+prende+mulher+por+urinar+na+rua.html

Nesta notícia, há o relato de uma ação realizada pela Secretaria Especial da Ordem Pública do Rio de Janeiro. A ação, conhecida como Choque de Ordem, tem a intenção de conter todo ato que promova a desordem urbana. Encontramos certo viés argumentativo no seguinte período do texto:

Equipes de fiscalização da Secretaria Especial da Ordem Pública (Seop) do Rio de Janeiro prenderam, na noite de sexta-feira, oito pessoas por urinarem na rua, na Lapa. *Uma delas era uma mulher.*

¹¹⁴ Bazerman 2006, p. 31

O trecho em destaque está no grupo dos implícitos, é um subentendido. Cabe ao leitor (interlocutor) decifrar, concluir. O viés argumentativo é: Não esperávamos que uma mulher estivesse praticando tal ato, uma vez que este ato é praticado, geralmente, por homens.

Notícia 2 (07.11.2010)

Amiga de Dilma é cotada para assumir Petrobrás, diz jornal

A diretora de Gás e Energia da Petrobras, Maria das Graças Foster, deve ter papel de destaque no governo de Dilma Rousseff, de quem é amiga pessoal. Segundo o jornal O Estado de S.Paulo, Graça, como é conhecida, pode assumir a presidência da Petrobrás no lugar de José Sérgio Gabrielli (PT), com quem Dilma já teve vários embates. Na bolsa de apostas, o nome da engenheira química é cotado também para o Ministério da Casa Civil, que deve ser reformulado.

Dilma e Graça se conheceram em 1999 e ficaram mais próximas quando Dilma era ministra de Minas e Energia e, depois, da Casa Civil. Segundo o jornal, a relação entre as duas é tão próxima que a presidente eleita sai para jantar com a engenheira quase toda vez que visita o Rio de Janeiro. A ascensão de Graça faz parte de uma estratégia de levar um time feminino ao governo, sugerido a Dilma pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva como um gesto simbólico para mostrar que "elas podem chegar lá". Em seu primeiro discurso após ser eleita, Dilma sinalizou que seguirá o conselho e tratou o assunto como "compromisso".

Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4778169-EI7896,00-Amiga+de+Dilma+e+cotada+para+assumir+Petrobras+diz+jornal.html>

Encontramos um índice de polifonia no título

(2) *Diz* jornal.

O verbo *dicendi* introduz o que Ducrot denomina como argumento por autoridade polifônica. É uma espécie de argumento que não pode ser contestado, porque o locutor é introduzido no discurso no nível do mostrar, não é autoritário. O locutor reconhece a legitimidade deste argumento, mas não se responsabiliza por tê-lo dito. Então, o título da notícia já se mostra não engajado, não comprometido com o que diz.

Encontramos ainda nesta notícia:

(3) *Segundo o jornal O Estado de S. Paulo*, Graça, como é conhecida (...)

É possível observar outro índice de polifonia, através do discurso

citado. O uso desse recurso permite que o locutor simule que não é o responsável pelo dito.

(4) Outra marca linguística da argumentação veiculada pelo auxiliar modal *pode*.

Tal uso veicula modalização epistêmica, isto é, aquela que está vinculada ao eixo da crença, do saber. O uso dela imprime no enunciado o grau de comprometimento do locutor com o enunciado que produz. Neste trecho, o uso demonstra que o locutor não quer ou não pode se comprometer com o dito, o locutor não quer ou não pode afirmar que Graça vai assumir a presidência da Petrobrás. O uso do auxiliar modal deixa o enunciado no campo da hipótese.

(5) A ocorrência de pressuposição em “(...) José Sérgio Gabrielli (PT), com quem Dilma *já* teve vários embates.”

A pressuposição, expressa pelo advérbio *já* em o posto é: “não há mais desentendimentos, embates”, o pressuposto é “houve desentendimentos, embates”.

O uso deste recurso desencadeia o seguinte viés argumentativo: Dilma não manterá José Sérgio Gabrielli na presidência da Petrobrás por ter tido desentendimentos com ele no passado, isto é, ainda há risco de haver algum desentendimento.

Nas notícias analisadas, as marcas linguísticas da argumentação encontradas cumpriram o papel de eximir seus locutores de responsabilidade pelo dito. O que nos permite supor que a esfera jornalística tenta sustentar a postura de imparcialidade, de neutralidade. Tenta veicular a ideia de que não tem pontos de vista acerca dos fatos, utilizando recursos linguísticos que não a comprometa, implique.

7. Considerações finais

A identificação e a descrição das marcas linguísticas da argumentação presentes nas notícias acima corroboram a premissa de que a argumentação não se restringe aos gêneros denominados opinativos. A argumentação está presente em qualquer gênero, visto que um gênero é uma forma de vida, através dele o homem molda suas atividades. O gênero,

nas palavras de Bazerman (2006), estruturam os próprios setores da sociedade. Assim, o homem imprime em seus enunciados a sua subjetividade.

O gênero do discurso notícia não é neutro. A neutralidade, como postula de Koch (2003) é um mito. Até mesmo aquele que se diz neutro, já institui um viés argumentativo: o da própria neutralidade. Aquele que produz o gênero notícia é um sujeito da linguagem e está inserido em uma esfera discursiva, por isso também faz as suas apreciações acerca do fato e, indubitavelmente, as imprime nos textos que produz.

Pudemos, diante do exposto, confirmar o cunho social da linguagem. O homem na e pela linguagem se constitui, se institui e se movimenta socialmente. O homem age na e pela linguagem, por isso, é impossível não se posicionar, não conferir ao seu discurso um direcionamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso*. São Paulo: Parábola, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. M. E. G. Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBISAN, Leci Borges. O conceito de enunciação em Benveniste e Ducrot. In: GIACOMELLI, K.; PIRES, V.L. (Orgs.). *Émile Benveniste: interfaces enunciação & discurso*. Letras n. 33, jul./dez. 2006, PPGL Editores, UFSM.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Angela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (Orgs.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Trad. Maria Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005.

_____. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 2006.

BRANDÃO, Helena Nagamine Brandão. Pragmática linguística: Delimitações e objetivos. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001, p. 161-182.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. *A força das palavras: dizer e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2010.

DUCROT, Oswald. Esboço de um teoria polifônica da enunciação. In: _____. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987, p. 161-218.

_____. Estruturalismo e enunciação. In: _____. *Princípios de semântica linguística*. Trad. Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 291-317.

FLORES, Valdir do Nascimento. TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988. Disponível em <<http://books.google.com.br/>> Acesso em: 22 dez. 2010.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. *Velhas e Novas Retóricas: Convergências e Desdobramentos*, In: *Retóricas de Ontem e de Hoje*. Lineide do Lago Salvador Mosca (org.) 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001, p. 17-54

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira. *Jogando com as Vozes do Outro: A polifonia–recurso modalizador-na Notícia Jornalística*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, 2005. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/lasprat/Home>> Acesso em: 28 dez. 2010.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.